



remaa

## Dimensões do discurso político sobre educação ambiental em teses e dissertações: uma análise semântico-enunciativa da expressão “crise”

André Campos Mesquita<sup>1</sup>

Universidade do Estado de Minas Gerais

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9896-9378>

Valdir Heitor Barzotto<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1564-9550>

Fernanda do Rocio Portela<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7468-1994>

**Resumo:** Neste trabalho temos como objetivo analisar a dimensão política dos discursos que circulam em teses e dissertações em educação ambiental, a partir da teoria de análise do discurso de Bakhtin. O *corpus* desta pesquisa é composto por uma dissertação, produzida no ano de 2016 em uma universidade do Brasil. “Considerando o contexto educacional, procuramos analisar o discurso político que circula nos textos das teses e dissertações quando o termo “crise” é acionado e contextualizado nesses textos. A análise foi feita a partir da teoria de dialogismo de Bakhtin e configuramos a pesquisa considerando o modo com o qual os conceitos estão colocados e expressados nas teses analisadas. Com a conclusão da pesquisa buscamos entender como os vieses políticos estão colocados nas produções científicas sobre educação ambiental e como elas de fato exercem uma influência objetiva sobre a produção científica na área de educação ambiental.

**Palavras-chave:** Educação ambiental; crise; análise do discurso.

## Dimensiones del discurso político sobre educación ambiental en tesis y disertaciones: un análisis semántico-enunciativo de la expresión “crisis”

**Resumen:** En este trabajo buscamos analizar la dimensión del discurso político de las tesis y disertaciones sobre educación ambiental desde la teoría bakhtiniana del análisis del discurso. El corpus de esta

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Portuguesa da Fatec-SP, pós-doutorando do programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, DLCV-FFLCH-USP; e-mail: [andre.mesquita@usp.br](mailto:andre.mesquita@usp.br).

<sup>2</sup> Professor Titular da Faculdade de Educação da USP; e-mail: [barzotto@usp.br](mailto:barzotto@usp.br).

<sup>3</sup> Graduanda em Letras-Português na Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); e-mail: [ferp25@usp.br](mailto:ferp25@usp.br).

investigación está compuesto por tesis y disertaciones, producidas en 2016 en diferentes universidades de Brasil y este estudio tuvo como objetivo analizar desde el contexto educativo, como el discurso atribuido o concepto y contextualización al término "crisis" y, finalmente, expone la dimensión del discurso político inculcado en las tesis, el análisis se hizo a partir de la teoría del dialogismo de Bakhtin y configuramos la investigación considerando la forma en que se colocan y expresan los conceptos en las tesis analizadas, buscamos comprender cómo se desarrolla la política. Se colocan puntos de vista en la producción científica sobre la educación ambiental y cómo inciden en la producción científica en el área de la educación ambiental.

**Palabras-clave:** Educación ambiental; crisis; análisis del discurso.

### **Dimensions of political discourse on environmental education in theses and dissertations: a semantic analysis of the expression "crisis"**

**Abstract:** In this paper, based on Bakhtin's theory of discourse analysis, we seek to understand the dimension of the political discourse present in doctoral thesis and master's degree dissertation on environmental education. The corpus of this research is composed of doctoral thesis and master's degree dissertation produced in 2016 in different federal universities in Brazil. This study aims to analyze from the educational context, how the discourse attributes the concept and contextualization to the term "crisis"; and, finally, to expose the dimension of the political discourse in these theses. The analysis was based on Bakhtin's theory of dialogism, and we configured the research considering the way in which the concepts are placed and expressed in the analyzed theses. We seek to understand how political views affect the scientific production of environmental education.

**Keywords:** Environmental education; crisis; speech analysis

#### **Introdução**

Este texto é um dos resultados da pesquisa intitulada "Configurações da dimensão política no discurso materializado em dissertações e teses de Educação Ambiental"<sup>4</sup>. A pesquisa está vinculada ao projeto EArte - Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil ([www.earte.net](http://www.earte.net))<sup>5</sup>, que vem constituindo um acervo de dissertações e teses, produzidas no Brasil sobre Educação Ambiental, desde 2006.<sup>6</sup> O Banco de Dados de Teses e Dissertações do Projeto EArte possibilita ao pesquisador acesso ao título, resumo e palavras-chave desses trabalhos. Essa base se constitui a partir de buscas pela equipe do Projeto EArte de teses e dissertações que constam, inicialmente do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior – CAPES – e de outras bases de dados, como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) ou de repositórios das universidades em que foram desenvolvidas.

---

<sup>4</sup> Chamada Universal CNPq Processo: 437408/2018-3 – Coordenação Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

<sup>5</sup> O projeto EArte é coordenado pelos professores doutores Luiz Marcelo de Carvalho, Unesp, IB, Rio Claro e Jorge Megid Neto, Unicamp, Campinas.

<sup>6</sup> Informação coletada no site do Projeto EArte.

O objetivo do exercício analítico que ora apresentamos é compreender os sentidos da expressão “crise” enquanto enunciada relativamente à terminologia da educação ambiental em um trabalho de pós-graduação, estudando e expondo a amplitude e o alcance do discurso político presentes em dissertações e teses sobre educação ambiental defendidas em 2016. A escolha do termo “crise) não foi aleatória. Buscávamos compreender de que maneira essa palavra estava sendo significada nos trabalhos acadêmicos sobre educação ambiental no Brasil em um momento de grande turbulência no País: manifestações políticas que culminaram no impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Nesse contexto, a palavra “crise” foi enunciada inúmeras vezes, terminando o ano como uma das palavras mais empregadas pela imprensa no segmento de política, segundo Chaves (2017).

A palavra “crise” foi escolhida como objeto de análise devido a importância histórica que essa palavra teve no ano de 2016 – ano da delimitação amostral. De acordo com Chaves (2017) a palavra “crise” foi uma das mais empregadas no segmento político naquele ano. Surgiu, então, a ideia de se investigar como essa palavra foi empregada também no interior da produção acadêmica.

Em nossa análise consideramos a fragilidade de posicionamentos que se ancoram em termos como este devido à multiplicidade de significados, nem sempre explicitados, que assume em diferentes discursos. Assim, a tentativa é de buscar compreender os diferentes significados que estão associados a esses termos, considerando como propõe Bakhtin (2006), que a

[...] compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor a palavra do locutor a uma *contrapalavra*. Só na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra *equivalente* na própria língua. É por isso que não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro* (p. 135)

Assim, conforme Bakhtin, o que caracteriza a significação no texto escrito deriva da interconexão entre o enunciador, o enunciado e o produto do texto.

O universo de produtos da mente humana é o que constitui a nossa cultura imaterial (BAKHTIN, 2006). Fazem parte da nossa cultura imaterial manifestações superestruturais tais como: a arte, o direito, a ciência, a política e a educação. Todas essas manifestações superestruturais são essencialmente ideológicas; não havendo espaço, portanto, para o que se entende por neutralidade. Esses produtos são, conforme Bakhtin, essencialmente ideológicos. Mesmo ao pretender para si um ar de neutralidade, os trabalhos acadêmicos são ideológicos.

É nisso que reside a vida da obra ideológica. Em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secreta. É apenas na medida em que a obra é capaz de estabelecer um tal vínculo orgânico e ininterrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela é capaz de viver nesta época (é claro, nos limites de um grupo social determinado) (BAKHTIN, 2006, p. 122).

Todavia, manuais de metodologia de pesquisa costumam orientar o pesquisador a buscar distanciamento e a objetividade, como, por exemplo, em Cervo, Bervian e Da Silva (2011):

A consciência objetiva, por sua vez, implica o rompimento corajoso com as posições subjetivas, pessoais e mal fundamentadas do conhecimento vulgar. Para conquistar a objetividade científica, é necessário libertar-se da visão subjetiva do mundo, arraigada na própria organização biológica e psicológica do sujeito e ainda influenciado pelo meio social. [...] a postura científica implica ações racionais. As ações explicativas de uma questão só podem ser intelectuais ou racionais. As razões que a razão desconhece, as razões da arbitrariedade, do sentimento e do coração nada explicam nem justificam no campo da ciência (p.14).

Conforme podemos perceber no parágrafo anterior, os autores delimitam que tipo de abordagem é aceitável no campo da ciência. Eles recomendam que o pesquisador abandone tudo aquilo que não se enquadra no que denominam “postura científica”: visão subjetiva do mundo, arbitrariedade, sentimentos e conhecimento vulgar. O excerto anterior, assim como outros tantos em livros de metodologia de pesquisa, retoma uma longa discussão sobre a definição do que é ciência e os seus limites e principalmente sobre a neutralidade na ciência.

A filósofa Marilena Chauí (2002, p. 281), contudo, afirma que aquilo que se chama “neutralidade da ciência” é meramente ilusória. O pesquisador escolhe uma definição específica para o seu objeto de pesquisa, determina o método que irá empregar e lança mão de hipóteses. A atividade do cientista, então, não deve ser entendida como neutra, imparcial e puramente objetiva, mas baseada em escolhas precisas.

A alegada neutralidade do discurso científico é apenas aparente; e no discurso acadêmico é possível observar esse conflito quando observamos as ideologias que estão em jogo em cada enunciado que percorre uma ideia ou teoria ou como uma palavra é significada nas relações de sentido que acontecem no interior do texto.

O propósito deste trabalho é discutir o conhecimento e entendimento da dimensão política carregada por um termo ao ser inserido em determinado texto acadêmico, de modo que se possa entender a amplitude e o alcance dessa dimensão. Para se compreender o que estamos dizendo quando usamos a expressão “dimensão política carregado por um termo”, tem de se assumir que nossas análises partem de uma base materialista (BAKHTIN, 2006). Nosso entendimento é de que um signo é também material, e só pode existir no interior de uma dada comunidade linguística. Essa comunidade linguística, entretanto, não deve ser confundida com as classes sociais. Bakhtin considera que diferentes classes sociais compartilham do mesmo signo linguístico. A luta de classe também se daria nesse caso, não somente na matéria extralinguística, como também no interior da língua. Sendo o signo para Bakhtin a arena da luta de classes, entendendo o espaço linguístico como um espaço de disputas políticas.

O signo tem a qualidade de refletir e refratar algo que está fora e além de seus limites; e é por isso que é possível afirmar que ele de algum modo significa algo. Não se deve compreender esse “significar algo” como uma demonstração ostensiva ou como uma etiqueta que nomeia os fatos e objetos do mundo. Porque o significado não é dado *a priori*, não é uma forma fixa. Ele é socialmente construído no interior de um processo histórico. Para Bakhtin (2006), a linguagem é um fenômeno socioideológico. Cabe lembrar que para o marxismo, a história não tem por si só “nenhum significado além daquele que os homens, em seus vários estágios de desenvolvimento, lhe conferem” (MCLELLAN, 1988, p. 268).

Um *termo* é um *signo* que pertence ao léxico de uma terminologia específica. Para entender a palavra “crise” como parte de uma terminologia, deve-se pensar que, quando enunciada relativamente a essa terminologia, ela tem alguns sentidos específicos que não são necessariamente os mesmos em outros acontecimentos enunciativos. Cabe ressaltar que mesmo no interior de uma terminologia específica o termo não tem sempre o mesmo significado sempre que enunciado.

Para Bakhtin (2006), o enunciado também é material, assim como os signos que o compõem. O sentido de um enunciado está intrinsecamente relacionado à sua materialidade e não pode ser pensado fora dela. Como um enunciado é algo marcado na história por se tratar de um “acontecimento”, o sentido é marcado por uma disputa política que acontece em um dado momento inscrito na história. O termo como componente do enunciado carrega também a dimensão política dessa disputa<sup>7</sup>.

O trabalho do analista do discurso não é dizer quem tem razão ou quem emprega a palavra de modo “mais correto”. O objetivo do analista é entender quais são os sentidos que estão sendo mobilizados quando cada um dos segmentos mencionados emprega a palavra. Esses sentidos não são opções conscientes do falante que imprime a uma palavra os sentidos que ele quer que ela tenha. Esses sentidos têm uma dimensão político-ideológica determinada dentro dos processos sócio-históricos. Por essa razão, há uma necessidade de se compreender o sentido quando essa palavra ou expressão é utilizada; ou seja, no acontecimento enunciativo. É o enunciado que determina a posição ideológica dos sujeitos e não o contrário.

Não cabe ao analista do discurso dizer que Maia não empregou a palavra “casamento” para uma cerimônia de “união” entre dois homens porque tem um perfil mais conservador. Não é a ideologia do sujeito que define o significado de uma palavra, mas é por

---

<sup>7</sup> Antes de entrar na análise do termo “crise” em um trabalho acadêmico, vamos mostrar um exemplo mais simples da dimensão política que a palavra “casamento” carrega, em uma reportagem 23 de outubro de 2022 na coluna Celebs, na página Splash do portal UOL.

A manchete da reportagem é a seguinte: “Casamento de Carlinhos Maia e Lucas foi criticado por não ter beijo na boca” (SPLASH, 2022). Percebemos que a palavra casamento foi empregada pelo jornalista para designar o evento. No interior da mesma reportagem, aparece uma fala de Carlinhos Maia se referindo ao mesmo evento: “É a união de dois caras, não é casamento gay. É a união de Carlinhos e Lucas” (SPLASH, 2022). Maia, ao se referir ao mesmo acontecimento, nega que a palavra “casamento” possa ser usada para designá-lo, optando por empregar outra expressão “união de dois caras”.

meio do sentido que ela tem no enunciado e a dimensão política que esse sentido carrega é que definem a ideologia do sujeito.

No caso deste artigo, procuramos verificar como a expressão “crise” se expande no interior de um texto acadêmico por meio de expressões como: “crise do sistema político-social”, “crise ambiental”, “crise educacional”, entre outras ocorrências encontradas no texto. Também apresentaremos como diferentes significados de “crise” são conceitos sustentados por teorias e citações inseridas na dissertação.

A primeira etapa deste trabalho foi a seleção do *corpus* a partir do banco de dados do Projeto EArte. Em seguida, foram feitas análises de excertos selecionados, quando nosso propósito foi o de entender os acontecimentos enunciativos dos excertos em sua dimensão política e histórica. Assim, analisamos os textos a partir da observação dos acontecimentos enunciativos para compreender quais foram os sentidos mobilizados para a palavra “crise”, para por fim entender qual a disputa ideológica que acontece no emprego do termo.

### **Procedimento de pesquisa**

Para a construção do *corpus* fizemos um levantamento no banco de dados do EArte por meio das palavras-chave “crise” e limitamos ao ano de 2016.

Para analisar como o termo é significado nos discursos dos trabalhos acadêmicos, partimos da observação do que há em comum nas teses e dissertações: 1) o contexto, que se desenvolve em uma situação nomeada como de “crise”; 2) o tempo, que são teses e dissertações publicadas no ano de 2016, e 3) o espaço, que se configura por serem produções acadêmicas das universidades brasileiras.

Delimitamos um ponto que iria orientar a conexão entre as teses analisadas: como o termo “crise” é significado no interior dos discursos.

A partir disso, focamos em fazer a análise dos enunciados para entender quais discursos dão sustentação à significação do termo “crise” e de que maneira esses discursos estabelecem uma rede de sentidos entre as teses analisadas; para assim entender como essa significação se dá na terminologia específica da educação ambiental, em uma mesma delimitação temporal, o ano de 2016.

A escolha pelo ano de 2016 não é casual. Foi ano do impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a palavra “crise” foi empregada com frequência. Conforme Chaves (2017), a palavra “crise” esteve entre as mais usadas no segmento político em 2016, juntamente com as palavras coxinha, petralha, impeachment e Brexit.

Buscamos, com base na análise dos sentidos do termo “crise”, entender qual o limiar político das teses e dissertações sobre educação ambiental no contexto social brasileiro, no ano de 2016, e como o discurso político é significado em textos acadêmicos partindo do contexto educacional abordado.

Nossas leituras do corpus realizadas na base de dados do Earte revelaram que o termo “crise” é sempre tomado nos textos de educação ambiental como justificativa para que sejam propostos trabalhos nesse campo. Por essa razão, iremos nos referir a esta palavra como um tecnoleto<sup>8</sup> quando entendermos que ela faz parte da terminologia que se fundamentou no interior dos discursos sobre a educação ambiental. Isso nos levou a escolher a dissertação *A relação homem e natureza, capitalismo e serviço social: considerações sobre os fundamentos da temática ambiental* (2016), de autoria de Girlei da Rosa Braz que será apresentada na seção “Análise” deste artigo. Da qual retiramos os trechos específicos que constituíram o nosso material de investigação. Escolhemos alguns excertos em que o termo “crise” aparece; e outros em que a palavra não aparece, mas há conteúdo que dará suporte às nossas análises.

Veja, por exemplo, como Alves (1999) descreve o emprego de termos técnicos em textos científicos:

[...] o tecnoleto visa à precisão semântica, à sistematização conceitual, à neutralidade emotiva, à economia formal e semântica. Ele tende, por isso, a definir suas unidades lexicais, denominadas termos, a controlar a homonímia e a polissemia, a evitar a sinonímia, a neutralizar a emotividade, a subjetividade [...] (p. 162).

A definição proposta por Alves por si só é ideológica, pois pretende negar que a ciência possa estar carregada de ideologias.

---

<sup>8</sup> Tecnoletos são frutos de criação coletiva de uma comunidade científica; e comuns nas ciências e teorias para que se objetive uma alegada “precisão semântica”. No imaginário de alguns segmentos da pesquisa científica, o uso de um termo técnico propiciaria uma espécie de escape da ideologia, colocando o pesquisador em uma posição alegadamente técnica sobre determinado tema ou assunto.

Para Marx e Engels (2007, p. 72), além de deter o controle e o poder sobre os meios de produção material (as indústrias, a produção agrícola de larga escala e o comércio), as classes dominantes também têm o domínio dos meios de produção imaterial (ou espiritual), como, por exemplo, a produção cultural e intelectual. O que inclui, evidentemente, a produção realizada nas universidades e centros de pesquisa.

A classe dominante, além do domínio sobre a produção de ideias, detém controle sobre a regulamentação e distribuição dessas ideias. As ideias que atendem aos interesses das classes dominantes não circulam como estando relacionadas a essa classe, mas como se fossem uma espécie de realidade objetiva, não podendo ser de modo algum contestadas no campo ideológico. Isso é perceptível na definição de Alves (1999) sobre os tecnoletos, que teoricamente não poderiam ser tomados como pertencentes a uma ideologia, pois são definidos e determinados por meio de um consenso entre acadêmicos e cientistas. Entretanto, como pretendemos demonstrar neste artigo, para a AD, os tecnoletos estão inscritos – do mesmo modo que todas as demais expressões da língua, quando enunciadas – no interior de um discurso, que é por natureza ideológico e, evidentemente, nunca pode ser entendido como sendo neutro.

Com base nessa ideia, selecionamos teses e dissertações em que se empregam o tecnoleto “crise” em diferentes condições de produção do discurso: escola, centro de educação ambiental, educação popular e ecoturismo; levando em consideração, também, que as produções científicas de uma mesma época são distintas umas das outras. Desse modo, compreender os sentidos mobilizados nos termos enunciados nos ajuda a ter uma visão de como se configuram o ambiente político-social da educação ambiental e a dimensão do discurso político presente nas pesquisas. A justificativa da delimitação do corpus deu-se a partir da consideração do ano de publicação das teses, o ano de 2016, devido ao contexto político em que as dissertações foram desenvolvidas. Assim, temos um conjunto de teses e dissertações que abrangem o contexto político em que estamos inseridos e podemos entender de que modo, dentro de um contexto político instaurado no Brasil em 2016, os sentidos foram mobilizados no emprego da palavra “crise” na produção acadêmica.

A expressão “crise” tanto é empregada no discurso comum para designar uma situação problemática, como é objeto de investigação de pesquisadores sobre suas significações. Para citar dois exemplos distantes no tempo, com o intuito de mostrar os dois tipos de interesse, temos, para o primeiro caso, o livro *Crise na linguagem – a redação no vestibular* (aparecendo primeiro como tese de doutorado na Faculdade de Educação da USP), de Maria Thereza Fraga Rocco (1981), e a dissertação de Milan Puh (2012) *Reconstruções discursivas de conceitos: crise econômica em revistas croatas e brasileiras entre 2007 e 2010*.

Enquanto na primeira a autora apoia-se na ideia de que há uma “crise” que pode ser demonstrada por meio da análise de redações de vestibular, na segunda a expressão “crise” é tomada como objeto de análise para comparar como ela é significada em veículos da mídia em diferentes em dois países distantes: Croácia e Brasil.

Nosso trabalho inscreve-se nessa segunda perspectiva. Se por um lado, admitimos a existência de problemas que demandam esforços para sua compreensão e superação, por outro, entendemos que não basta nomear problemas com termos de significação negativa, ou que servem para criar alertas sem haja uma verificação de quais políticas ajudam a configurar e que lugar delineiam para seus locutores.

### **Análise dos excertos selecionados**

Os excertos usados para a análise, extraídos de uma das dissertações publicadas em 2016, exemplificam a amplitude do termo de “crise”. A “crise” como é definida na dissertação selecionada é uma “crise” que vai além da “crise ambiental”, é uma “crise” do sistema capitalista e da humanidade.

Na tabela 1, como dito anteriormente, aparecem dois excertos em que a expressão “crise” não aparece. Todavia, consideramos que esses excertos constituem apoio às nossas análises.

E, dentro da corrente de produção de significados, os excertos foram escolhidos por apresentarem percepções de medidas para a solução do problema da crise ambiental. Vejamos a seguir como esses conceitos são trabalhados e conceituados para a significação deste discurso.

**Tabela 1:** Excertos da dissertação BRAZ (2016)

Excerto 01	[...] a <b>crise</b> ambiental é uma refração da <b>crise</b> estrutural do capital, mas que perpassa o problema da incapacidade de o capital crescer de forma linear e se estende a uma <b>crise</b> também da racionalidade de um período que tem matematizado todos os seguimentos da vida na terra. (Grifos nossos)
Excerto 02	Nesse sentido, a presente dissertação tem como objeto de pesquisa os fundamentos – ontológicos e históricos – para a compreensão da temática ambiental, tendo como objetivo geral analisar, a partir da teoria social crítica, a relação homem e natureza, capitalismo e Serviço Social – sendo esta uma profissão que se vê enlaçada pelas tramas que emergem das contradições da sociedade capitalista.
Excerto 03	Feito essa rápida caracterização da fase imperialista do capital, pode-se, então, retomar o escopo desse item que é discorrer sobre a <b>crise ambiental</b> . Como já foi destacada, a emergência da crise ambiental não está deslocada da <b>crise estrutural</b> do capital. Ela não é mais uma das <b>crises</b> fenomenológicas que aparecem e logo desaparecem para reaparecer em outro lugar. A <b>crise ambiental</b> é uma <b>crise</b> concreta, está presente e é perceptível com sua força nefasta no aqui e agora, colocando-nos a desconfiança no futuro do planeta. Esse é o contexto em que se destaca a emergência da questão ambiental em escala mundial, que traz em seu bojo os impactos ambientais crescentes sobre a natureza, gerados pelo modo capitalista que se baseia na “[...] utilização dos recursos naturais de forma desenfreada, alheio aos ritmos de produção da natureza [...]” (QUNTANA; HACON, 2011, p. 427). (grifos nossos)
Excerto 04	Conforme se observa no texto de Enrique Leff (2006), a <b>crise ambiental</b> em curso seria uma <b>crise</b> que se origina na racionalidade da modernidade. Não é ela, portanto, produto de processos naturais independentes da ação humana. Dessa forma, a <b>crise ambiental</b> tem sim os traços das mediações do homem sobre a natureza.
Excerto 05	Em última análise, tem-se que ao Serviço Social está posto o desafio de defesa e disseminação de preceitos que venham ao encontro do fortalecimento tanto da educação ambiental como dos Direitos Humanos. Ambos os campos se configuram como ferramentas mediadoras em um horizonte de busca por uma sociedade que rompa com o <i>status quo</i> e que leve na sua essência a defesa intransigente do ser humano e da natureza em sua totalidade. Há também de se reconhecer o papel fundamental da teoria social crítica marxiana nesse processo.

**Fonte:** Base de dados do EArte.

Os excertos selecionados irão servir de base para as nossas análises sobre como o tecnoleto “crise” foi significado no interior dos enunciados da dissertação. Nos excertos escolhidos, há citações de outros autores. Poderia haver questionamentos sobre a análise

dos trechos em que ocorrem citações na dissertação, alegando que elas pertenceriam a outro autor e não ao autor da dissertação, não correspondendo, assim, às ideias do autor da dissertação. Todavia, não estamos interessados em questões relativas à autoria, ou sobre o que o autor quis ou não dizer; uma vez que não assumimos que essa seria uma opção consciente. Além disso, não estamos analisando o indivíduo autor, mas sim o locutor e os enunciadores (como será demonstrado mais adiante). Nossa análise se dá sobre acontecimentos enunciativos e não sobre a ação de um autor que emprega a palavra para dizer o que quer dizer.

Uma citação recoloca os dizeres anteriores na história em uma outra perspectiva enunciativa, por isso é um outro enunciado. Além disso, a citação contribui para avaliarmos como o tecnoleto vem sendo significado na literatura de referência e como ela se encarrega de contribuir para os significados no interior do texto.

Nos excertos, são citados alguns autores sobre os quais a teoria proposta nos enunciados está embasada e, compreender de que modo essa teoria se articula no interior dos enunciados é uma parte do processo de análise da significação do tecnoleto “crise”.

Conforme Bakhtin (2006, p. 115), toda “palavra comporta duas faces” e é o “território comum do locutor e do interlocutor”. A palavra não é um produto enunciado por um locutor que se dirige a um ouvinte. Ela é sobretudo um produto dessa interação. A palavra é o que define o locutor em relação ao ouvinte e, por consequência, em relação a toda coletividade.

Um trabalho acadêmico é um enunciado marcado social, ideológica e historicamente que dialoga com a comunidade científica também determinada sócio-historicamente; e, como todo enunciado, pertence tanto ao locutor quanto aos seus interlocutores.

O enunciado, todavia, não se resume ao locutor e seus interlocutores. Com base no princípio do dialogismo, entende-se que todo enunciado recupera elementos presentes em enunciados anteriores. Todo texto articula com as suas condições extraverbais de produção, circulação e recepção. Desse modo, ao se analisar o tecnoleto “crise” nas teses e dissertações acadêmicas é possível compreender de que modo ele está sendo significado nas condições de produção (social, histórica e ideológica) em que foi enunciado, e quais os discursos estabelecem uma relação dialógica com esse enunciado.

Há no interior do discurso formas de enunciação e recepção, sendo elas sustentadas pelo dialogismo que há entre o enunciador e o receptor e a ligação entre ele é a significação individual de cada um somada ao contexto em que estão inseridos no ato, assim, essa ligação é a questão essencial para o entendimento da questão: como será transmitido e recebido o discurso a partir do contexto, então: “A obra estabelece assim vínculos com o conteúdo total da consciência dos indivíduos receptores e só é apreendida no contexto dessa consciência que lhe é contemporânea.” (BAKHTIN, 2006, p. 121).

Aqui, retomando a análise, o excerto 01 traz a afirmação: “crise ambiental é uma refração da crise estrutural do capital”, e por meio dessa afirmação o enunciado relaciona “crise ambiental” e “crise estrutural do capital”, como sendo um vinculado ao outro, sem a possibilidade de separação.

Não ocorre no enunciado um efeito de sentido que confira uma aparente neutralidade ao discurso como se não tivesse nenhum viés político ou fosse politicamente neutro. Os sentidos vão se conformando (no caso: “crise ambiental” é – mas não parece – “crise estrutural do capital”) de forma funcionarem semanticamente em conformidade com o posicionamento ideológico inculcado na tese e, assim, estabelece-se uma significação compartilhada entre enunciado, enunciador e receptor.

Excerto 01:

A **crise ambiental** é uma refração da **crise estrutural do capital**, mas que perpassa o problema da incapacidade de o capital crescer de forma linear e se estende a uma **crise** também da racionalidade de um período que tem matematizado todos os segmentos da vida na terra. (grifos nossos)

No texto, o termo “crise” aparece determinado de dois modos: “crise ambiental” e “crise estrutural do capital”. Assume-se que um e o outro são em essência o mesmo, o que muda é o modo como se vê cada uma das crises.

Na física, o fenômeno de refração apenas modifica a velocidade de propagação de uma onda que atravessa dois meios distintos. Ao olhar para um objeto mergulhado até a metade, por exemplo, em um copo d’água, o fenômeno da refração faz com que vejamos a imagem desse objeto segmentar duas partes: uma que está submersa na água e outra que está fora. O objeto em si é o mesmo; o que muda é o modo de apresentação do objeto aos nossos olhos.

Na primeira parte de seu artigo “Sobre o Sentido e a Referência”, Frege (1978, p. 61) se questiona se a igualdade é uma relação entre objetos ou uma relação entre os nomes que empregamos para designar esses objetos. Ele analisa as proposições “ $a=a$ ” e “ $a=b$ ”. Se a primeira proposição é meramente tautológica, a segunda é informativa. Desse modo, há uma diferença de valor cognitivo entre as duas proposições.

Frege defende que deve existir – ligado ao sinal que designa um objeto qualquer no mundo – um “sentido do sinal”; e esse sentido do sinal é aquilo que contém o modo de apresentação do objeto. Para embasar essa ideia ele afirma que ‘estrela da manhã’ e ‘estrela da tarde’ – nomes que usamos para designar o planeta Vênus – seriam dois modos diferentes de apresentação do mesmo objeto, pois designam esse mesmo objeto, mas não possuem o mesmo sentido. Desse modo, o sentido de um nome é dado pela descrição que esse mesmo nome faz de um objeto. Por outra, a referência de um nome é esse mesmo objeto que é descrito pelo sentido.

Frege adverte que embora a “referência de um nome próprio seja o próprio objeto a que designa, a representação (ou ideia) que temos dele é totalmente subjetiva.

Ao empregar a expressão “ $a$  é uma refração de  $b$ ”, o que se entende é que  $a$  e  $b$  são o mesmo objeto, que o que muda é o modo como ambos se apresentam aos olhos do observador e o nome que os designa. A proposta é que sejam o mesmo fenômeno objetivamente, mas subjetivamente se apresentam como sendo dois fenômenos designados de modos distintos. Isso nos permite assumir que “crise ambiental” e “crise estrutural do capital” são designações distintas da mesma referência.

O texto manifesta que, embora sirvam para designar a mesma referência, não é desse modo que os dois termos são comumente percebidos. Esse discurso expressa que a *crise estrutural do capital* é a única “crise” real, que seria ingenuamente decomposta em outras “crises”.

Ao assumirmos a perspectiva do dialogismo (BAKHTIN, 2006) e semântico-enunciativa da polifonia (DUCROT, 1987), entendemos que o enunciado não está restrito à voz do autor-locutor, a quem se atribui a responsabilidade pela enunciação. Porque ele, como sujeito falante ou o locutor, não tem uma unicidade; não é um indivíduo que de modo

onipotente toma a palavra para expressar suas ideias e convicções. O Locutor (L) apresenta dois pontos de vista expresso por dois enunciadores – Enunciador 1 (E1) e Enunciador 2 (E2):

E1 → apresenta o ponto de vista de quem vê “crise ambiental” e “crise estrutural do capital” como sendo duas “crises” distintas.

E2 → apresenta o ponto de vista contrário, e vê “crise ambiental” e “crise estrutural do capital” como sendo a mesma “crise”, que se apresentam de modo distinto (refração) aos olhos de E1.

Adere ao ponto de vista expresso pelo E2. Ao empregar o termo refração, L propõe que o ponto de vista defendido por E1 é ingênuo como o de alguém que é iludido por um fenômeno que vê o mesmo objeto como sendo objetos distintos.

Ducrot e Anscombe (1981) defendem que o ato de argumentar está relacionado à teoria do *Atos de fala* proposta por Austin (1965). Argumentar seria então um ato ilocucionário, ou seja, um ato que se realiza na linguagem; e o enunciado é um objeto desse ato de argumentar. Assim, para se entender o sentido do enunciado temos de entender o ato de argumentar que nele está contido. O argumento “crise ambiental é refração de crise estrutural do capital” determina a conclusão implícita que pode ser extraída do enunciado: é preciso que se veja as duas “crises” como sendo uma só “crise”. Essa conclusão é determinada pela oposição argumentativa entre E1 e E2 e, conseqüentemente, pela superioridade argumentativa de E2 em relação a E1.

A ideia de que “crise ambiental” é uma forma de visão descontinuada da “crise estrutural do capital” nos remete à relação de Marx e Engels (2007) entre superestrutura e infraestrutura. Em que o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Assim, “crise ambiental” estaria condicionada inexoravelmente à “crise estrutural do capital”; sendo a primeira uma manifestação superestrutural desta última. A superestrutura não é autônoma, mas heterônoma; ou seja: ela não pode ser explicada por si só. A “crise ambiental” não pode ser explicada apenas como base no ambientalismo. Pois o ambientalismo é um fenômeno superestrutural, pois “toda esfera ideológica se apresenta como um conjunto único e indivisível cujos elementos, sem exceção, reagem a uma transformação da infraestrutura” (BAKHTIN, 2006, p. 39).

O texto prossegue com a expressão *mas* ligando a frase analisada anteriormente à frase: “que perpassa o problema da incapacidade de o capital crescer de forma linear [...]”. A expressão no excerto pode tanto funcionar como uma conjunção adversativa quanto operar basicamente como um marcador discursivo sequenciador. Borba (2002) entende que *mas* pode ser empregado para dar continuidade a um relato, e apresenta o seguinte exemplo: [...] Somente esse dado seria suficiente para justificar uma investigação rigorosa. Mas há coisa melhor: a cena do crime coincide quase exatamente com a realidade, trinta e dois anos depois!” (grifo nosso).

A expressão tal qual foi enunciada no excerto não expressa uma relação de polaridade tão bem definida como no exemplo apresentado por Borba (2002); há a continuidade de um relato, todavia existe uma sutileza no encadeamento entre os dois elementos.

Vamos tomar a sentença que antecede ao *mas* como *A* e a precedente como *B*, para facilitar a análise do encadeamento *A mas B*. Destacamos ainda a presença marcante do pronome relativo *que*, conduzindo a uma proposição *A mas que B*. De acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Barsa (2000), a expressão “mas que” poderia ter como equivalente a expressão “ainda que”. Para Neves (1984, p. 21) *mas* poderia exercer a função de um coordenador interfrasal que “se refere à noção de desigualdade para os segmentos entre os quais ele ocorre”.

Desse modo, a ideia de que *A* seria um argumento e *B* um contra-argumento (DUCROT; ANSCOMBRE, 1981, p. 79) não se aplica à estrutura do excerto. A conjunção *mas* não exerceria a função de uma adversativa; sua função seria a de introduzir um elemento novo dando continuidade ao relato.

Antes de prosseguir na análise cabe destacar que este artigo observa a significação pela perspectiva enunciativa; ou seja: o sentido de uma palavra ou expressão nunca é dado a priori (antes da enunciação), mas sim no momento da enunciação. Por essa razão, para entender quais são os significados de uma expressão temos de olhar para o seu funcionamento no interior do enunciado. Não basta simplesmente abrir um dicionário, buscar a palavra e ler como a palavra é ali significada. Por exemplo, o verbo *perpassar* empregado como transitivo direto, conforme o dicionário Houaiss (2007), teria o sentido de

“deixar para trás ou de lado; preterir”. O mesmo verbo com transitividade indireta, no caso “perpassar por” – segundo o mesmo dicionário –, pode ser entendido no sentido de “passar perto, tangenciar ou ao passar ao longo de”. Embora o dicionário nos dê pistas sobre a significação das expressões, ele não pode ser considerado uma resposta definitiva; e, ao refletirmos sobre o sentido do verbo na sentença, é possível inferir que ele está mais próximo do sentido de *perpassar* como verbo transitivo indireto.

O encadeamento argumentativo do tipo *p mas q*, apresentaria tradicionalmente uma proposição *p* que aponta para uma conclusão *r*, *p* então:

[...] a crise ambiental é uma refração da crise estrutural do capital, mas que perpassa o problema da incapacidade de o capital crescer de forma linear [...]

A sentença “a crise ambiental é uma refração da crise estrutural do capital” direciona para o argumento *r*. Desse modo, o encadeamento esperado de acordo com *r* poderia ser “mas não é percebida dessa maneira” ou “mas ninguém a vê dessa forma”. No entanto, o que temos é “mas que perpassa o problema da incapacidade de o capital crescer de forma linear”

A sentença analisada embora tenha a forma *p mas q*, não apresenta em *q* um argumento não-*r*. É necessário compreender que a expressão, *mas que perpassa* não nega o primeiro pressuposto.

Conforme Pasquino (1998, p. 305), “crises” podem ser “funcionais quando se verificam no curso do funcionamento mesmo do sistema.” O que é o caso de uma “crise estrutural” perpassada pela incapacidade de o capital crescer linearmente.

Pasquino (1998, p 306) entende que as chamadas “crises” funcionais podem ser divididas em dois tipos: as do primeiro tipo são “crises” de sobrecarga, que ocorre quando um sistema apresenta uma demanda ou problemas em uma proporção maior do que a que é capaz de suprir ou responder; já as do segundo tipo são “crises” de carestia, que são as que acontecem quando o sistema não é capaz de “extrair de dentro de si mesmo ou do ambiente recursos suficientes para seu funcionamento”.

A “crise estrutural do capital” apresentada pelo locutor se enquadra no segundo tipo, que “está estreitamente ligada com o tipo de sustentação que o sistema consegue

comandar, sustentação que representa o índice principal com o qual prevê o total de recursos que o sistema pode alocar e mobilizar” (PASQUINO, 1998, p 306).

Conforme Lima (2001), o modelo linear é usado para compreender uma situação de proporcionalidade entre duas grandezas, como, por exemplo  $x$  e  $y$ . Desse modo, entende-se que  $x$  é proporcional a  $y$ ; se  $x$  cresce  $y$  deverá crescer proporcionalmente.

Desse modo, retomando Pasquino (1998), a incapacidade de o capital crescer de forma linear coloca em relação a expansão do capital e sua sustentação como grandezas proporcionais. O crescimento do capitalismo estaria ligado ao também crescimento dos recursos disponíveis. Se voltarmos à ideia de que “a crise ambiental é uma refração da crise estrutural do capitalismo”.

A mesma relação aparece em uma outra passagem do trabalho, mais especificamente no excerto 3:

Feito essa rápida caracterização da fase imperialista do capital, pode-se, então, retomar o escopo desse item que é discorrer sobre a crise ambiental. Como já foi destacado, a emergência da crise ambiental não está deslocada da crise estrutural do capital.

O texto retoma a ideia de que “crise ambiental” e “crise estrutural do capital” estão relacionadas. Todavia, nesse excerto uma não é tratada como sendo refração da outra; ou seja: como sendo a mesma “crise”, porém vistas como sendo independentes. Aqui ambas aparecem como sendo distintas, mas estando no mesmo lugar. O enunciado emprega a expressão “deslocada” para relacionar as duas “crises”.

Entendendo “deslocar” como mover-se de um lugar para outro, ao negar que uma “crise” esteja deslocada da outra na sentença: “crise ambiental não está deslocada da crise estrutural do capital”, está-se reconhecendo que elas estão no mesmo ponto.

O que nos permite voltar à questão da identidade proposta por Frege sobre  $A=A$  e  $A=B$ . Nesse caso, temos um mesmo acréscimo cognitivo ao reconhecer que ambos estão no mesmo ponto.

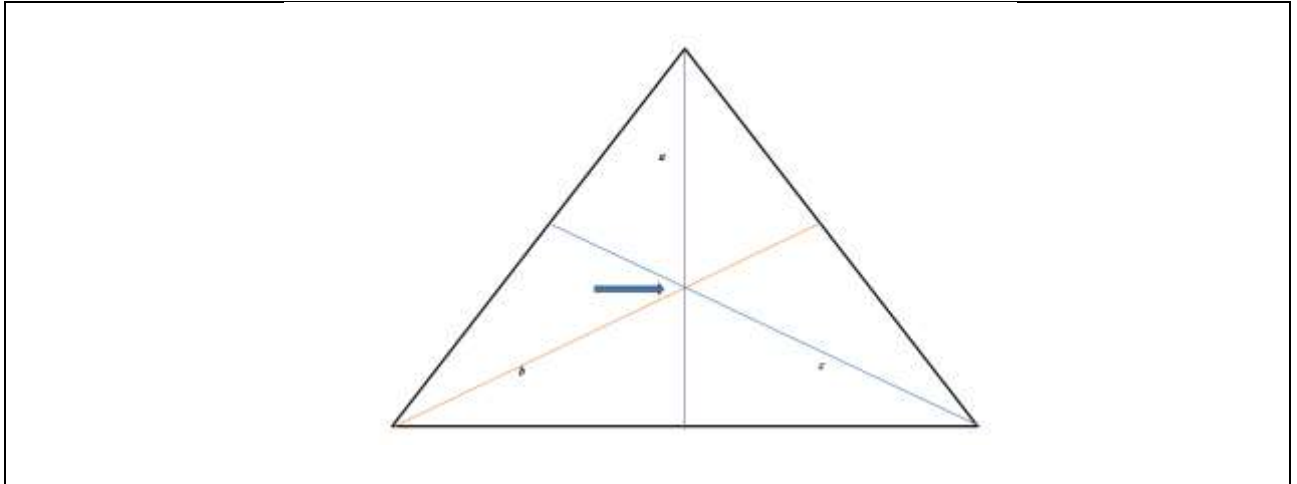
Conforme Frege (1978):

Sejam  $a$ ,  $b$ ,  $c$  as linhas que ligam os vértices de um triângulo com os pontos médios dos lados opostos. O ponto de interseção de  $a$  e  $b$  é, pois, o mesmo que o ponto de interseção de  $b$  e  $c$ . Temos, assim, diferentes designações para o mesmo ponto, e estes nomes (“ponto de interseção de  $a$  e  $b$ ” e “ponto de interseção de  $b$  e  $c$ ”)

indicam, simultaneamente, o modo de apresentação e, em consequência, a sentença contém um conhecimento real. (p.62)

Desse modo, conforme Frege:

**Figura 1:** Frege (1978)



**Fonte:** Desenho elaborado pelos autores com base no texto de Frege (1978)

A ideia de que não há deslocamento pode sugerir também uma questão de identidade tal qual proposta na figura anterior em que temos a sentença matemática  $(a; b) = (b; c)$ , que também segundo Frege contém um “conhecimento real”.

As relações de sentido da dissertação são estabelecidas com base em termos recorrentes no universo das ciências naturais como “refração” e “deslocamento”. Retomando a memória discursiva da posição do professor-cientista como o detentor dos saberes que, diante dos alunos, mostra que por meio do fenômeno de refração o que se vê não é o que parece, ou que mostra pontos de interseção entre retas, ou demonstra o deslocamento de corpos no espaço.

Em um outro trecho do mesmo excerto, temos que a “crise ambiental”:

[...] não é mais uma das **crises fenomenológicas** que aparecem e logo desaparecem para reaparecer em outro lugar. A **crise ambiental** é uma **crise concreta**, está presente e é perceptível com sua força nefasta no aqui e agora, colocando-nos a desconfiança no futuro do planeta.

Ao empregar a expressão “fenomenológicas” como um adjetivo à expressão crise, vemos que o locutor retoma novamente a crítica ao modo como as “crises” são percebidas

pela consciência. Nas relações de sentido presentes no excerto anterior, “fenomenológicas” aparece em relação de antonímia a “concreta”; ou seja: a “crise ambiental” não deve ser entendida como um fenômeno, mas sim como algo concreto ou factual. O que retoma o discurso da posição do locutor como cientista que não se dobra aos truques de mágica em que uma coisa desaparece em um lugar para reaparecer em outro; pois ele, mais do que os outros, consegue ver aquilo que é factual e concreto. Mais uma vez podemos verificar essa construção discursiva no excerto 4:

Conforme se observa no texto de Enrique Leff (2006), a crise ambiental em curso seria uma crise que se origina na racionalidade da modernidade. Não é ela, portanto, produto de processos naturais independentes da ação humana. Dessa forma, a crise ambiental tem sim os traços das mediações do homem sobre a natureza.

O trecho anterior tem base em uma citação. É trazido para dentro do texto a tese de uma autoridade que enuncia da mesma perspectiva que o locutor, e que servirá de base para a construção de sua argumentação. A presença de Leff no excerto anterior se justifica, desse modo, por colocar a perspectiva do locutor na mesma direção da perspectiva de uma autoridade no assunto. Por essa razão, mesmo quando analisamos uma citação dentro de uma dissertação temos de entender, como os significados mobilizados pela citação estão em consonância com os significados para o termo “crise” no restante da dissertação.

No excerto 4, é possível indicar que existam dois enunciadores:

E1 que propõe que a crise ambiental é uma concepção racional ou uma categoria que serviria para designar e agrupar “processos naturais”. Sendo que, dessa perspectiva, a crise ocorre sem a interferência do homem e que se trata de um modo de apresentação para agrupar fenômenos aleatórios.

E2 que nega a ideia de que se trata apenas de uma concepção racional que agrupa fenômenos aleatórios em uma categoria; entendendo a crise como sendo um processo contínuo marcado pela ação humana e que não pode ser compreendido de outra forma.

O locutor, naturalmente, adere ao E2. O que se mostra coerente com a linha discursiva que há em seu trabalho. Se de um lado, o locutor se afasta do discurso hegemônico pautado na dualidade entre sustentabilidade e degradação ambiental, destacando o papel do deletério do capitalismo na crise ambiental.

### Considerações finais

Na intenção de observar como o discurso contribui para a significação da expressão “crise” quando enunciada relativamente à educação ambiental e partindo da ideia de que o significado devem ser analisados por meio dos enunciados presentes na dissertação, partimos dos seguintes pontos: 1) De que modo a expressão “crise” é significada no interior da dissertação por meio das relações que estabelece com outros elementos do texto; 2) Como os acontecimentos no Brasil em 2016 e as várias menções constantes à expressão contribuiu para a significação da expressão crise a e 3) de que forma as produções acadêmicas das universidades brasileiras dialogam entre si estabelecendo redes de sentidos entre os termos.

Notamos que há um ponto de conexão entre os excertos da dissertação analisados que compreende como o discurso é construído em torno do termo “crise”. O que pode ser comprovado pelo modo como o locutor enuncia da posição de autoridade constituída e suportada pelo discurso científico. Do mesmo modo, que retoma os dizeres anteriores, como citações, por exemplo, – que garantem legitimidade aos seus enunciados –, o locutor reforça e reitera esses mesmos dizeres, realimentando a mesma construção discursiva que lhe garantiu falar do lugar de autoridade.

O limiar político das produções de teses e dissertações sobre educação ambiental no contexto social brasileiro, no ano de 2016, e como o discurso político é produzido em textos acadêmicos, partindo do contexto educacional abordado pode ser percebido pelo modo como o Locutor vai relacionando a expressão “crise” a diversos outros elementos do texto. Pois, ao empregar elementos comuns ao léxico das ciências naturais para trabalhar as relações de identidade e significação, o locutor empresta às relações de sentido uma aparência de neutralidade; como a proposta por Alves (1999) ao definir tecnoleto como algo distante da ideologia. Embora, tenha empregado as expressões do léxico científico notadamente de modo metafórico, temos de lembrar que o gesto de escolha dessas expressões e não de outras também tem significado. Ainda que isso não se dê de modo consciente, escolhas lexicais são elementos necessários para se pensar sobre como os discursos são constituídos.

A partir desse ponto, é possível analisar como o discurso sustem sua significação no ponto de conexão entre o discurso e o direcionamento do contexto educacional estabelecido num mesmo tempo, 2016 e a situação de “crise”; ou seja: mobilizando elementos discursivos que movem as relações de sentido para o campo das ciências naturais e das ciências duras. O que pode indicar que uma prevalência de um campo de conhecimento sobre o outro. Isso pode ser observado quando o locutor emprega expressões como “refração” e “deslocamento”. Como cientista, o Locutor enuncia da posição de autoridade em que ele percebe que duas aparente crises são a mesma. Assim como o professor que para demonstrar o fenômeno de refração para os estudantes coloca um bastão dentro da água, dando a aparência que são dois bastões, quando na realidade é o mesmo. O leitor é como o aluno que não entende o fenômeno de refração e vê dois bastões; enquanto o locutor aparece como o professor que vem a demonstrar que o aluno estava enganado. O mesmo acontece quando é empregada a expressão “deslocar” para indicar que não há diferença entre as crises.

Por fim, entendemos que seria interessante analisar a expressão “crise” em outros campos do conhecimento em 2016; com o objetivo de compreender de que modo essa palavra – tão enunciada naquele ano – foi significada, e verificar de que modo diferentes campos do conhecimento podem ter entre si uma rede de significados.

## Referências

ALVES, Ieda. Maria. Marcas do discurso de divulgação na linguagem falada culta. *In*: PRETI, Dino (Org.) **O discurso oral culto**. 2. ed. – São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH / USP, 1999.

AUSTIN, John. Langshaw. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12a ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARSA. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** Barsa Consultoria Editorial Ltda. São Paulo: Gráfica Melhoramentos S.A., 2000.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. Colaboradores: Sebastião Exedito Ignácio, Maria Helena de Moura Neves, Beatriz Nunes de Oliveira, Marina Bortolotti Bazzoli, Maria Celeste Consolim Dezotti. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

BRAZ, Girlei da Rosa. **A relação homem e natureza, capitalismo e serviço social: considerações sobre os fundamentos da temática ambiental**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social, Políticas Sociais e Direitos Humanos) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2016, disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/1999>, acesso em 5 jun. 2023.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CHAVES, Gláucia. **Glossário top de 2016** - Alguns termos e expressões bombaram no ano que passou. Ligados a campos diferentes do saber humano, algumas trouxeram um pouco de humor a assuntos importantes ou banais, mas sempre muito comentados. REVISTA. Correio Braziliense; publicada em 1º jan. 2017; disponível em <[https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/01/01/interna\\_revista\\_correio,563178/retrospectiva-das-palavras-mais-usadas-em-2016.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/01/01/interna_revista_correio,563178/retrospectiva-das-palavras-mais-usadas-em-2016.shtml)>; acessado em 5 out. 2022.

DUCROT, Oswald ; ANSCOMBRE, Jean-Claude. **Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas**. Maria A. Barbosa, Maria de Fátima G. Moreira, Cidmar T. Pais. São Paulo: Global, 1981.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FREGE, Gottlob. "Sobre o sentido e a referência". *In: Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978, pp. 59-86.

HOUAISS. Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão monousuário 2.0 Ed. Objetiva Ltda., 2007.

LIMA, Elon. L. **Matemática e Ensino**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, 2001.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MCLELLAN, David. Historicismo (verbete). In: BOTTOMORE, Tom. (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

NEVES, Maria Helena de Moura. O coordenador interfrasal mas — invariância e variantes. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3665>. Acesso em: 5 jun. 2023.

PASQUINO, Gianfranco. Crise. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 4.ed. Brasília: UnB, 1998.

PUH, Milan. **Reconstruções discursivas de conceitos: crise econômica em revistas croatas e brasileiras entre 2007 e 2010**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. **Crise na linguagem: a redação no vestibular**. São Paulo, Mestre Jou, 1981.

SPLASH. **Casamento de Carlinhos Maia e Lucas foi criticado por não ter beijo na boca**. Rio de Janeiro: Celebs. Uol, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/10/23/casamento-de-carlinhos-maia-e-lucas-guimaraes.htm?cmpid=copiaecola>; acessado em 15 dez.2022.

*Submetido em: 14/10/2022*

*Publicado em: 15/04/2024*